

Ceilândia bate recorde

Jornal de Brasília

em natalidade

de Sá

Isabel de Paula

Na cidade mais populosa do Distrito Federal, a Ceilândia, entre 25 e 30 crianças nascem diariamente, o que a coloca como a satélite com o maior índice de natalidade. Motivos não faltam para o seu acelerado crescimento populacional, onde as mulheres são totalmente desinformadas sobre as possibilidades contraceptivas e não contam sequer com uma renda suficiente para a compra de medicamentos «supérfluos», como os anticoncepcionais.

Entretanto, o que pesa não é somente a questão do alto crescimento populacional da cidade, hoje, com aproximadamente 500 mil habitantes, mas a preservação da saúde da mulher. Para as mulheres de baixa renda, o problema não é o estrago causado pelos anticoncepcionais, porque deles não fazem uso. Nem os efeitos da utilização dos DIUs — Dispositivos Intra-Uterinos — tão consumidos pelas mulheres da classe média alta. No caso da mulher de Ceilândia, é aguentar «enquanto der», ou seja, ter os filhos que Deus quiser, sem levar em conta seu estado físico. Em muitos casos, a solução é um aborto, mal feito, mas única opção.

Maria da Graça Silveira é um exemplo típico da mulher vítima da desinformação e total desassistência. Com apenas 23 anos, já é mãe de quatro filhos. Há cerca de três meses

se submetera ao segundo aborto, por não mais poder aumentar sua prole. «Nunca tomei remédios, porque não sei como, nem qual usar», disse Maria. Numa idade de alta fertilidade, Maria pode ainda ter muitos filhos, mas não sabe como resolver sua situação. Ainda muito jovem, encontra dificuldades para fazer uma laqueadura tubária, bastante procurada nos hospitais da cidade.

Muitas mulheres alegam ainda a falta de dinheiro para a aquisição de anticoncepcionais, pois seus recursos não são suficientes nem mesmo para a alimentação. Quanto aos métodos, considerados naturais, a desinformação é quase total e, quando usados, frequentemente falham. Lucinalva Maria de Jesus, mãe de quatro filhos, aos 26 anos e grávida do quinto explica que não pode tomar anticoncepcionais, devido a problemas de saúde. «Tentei fazer tabela, mas não deu certo», disse, mostrando a barriga. «Agora quero conseguir ligar as trompas».

A necessidade de esclarecimentos e doação de anticoncepcionais às mulheres de Ceilândia é ressaltada por elas próprias: «Se o governo desse as pílulas tenho certeza que todas usariam», disse Lourdes de Oliveira, que fazia o registro de seu terceiro filho. «O problema é que a gente não sabe como usar e pode pegar filho mesmo tomando o remédio», ressaltou.